



DA MÚSICA: SUAS INFLUÊNCIAS E POSSIBILIDADES NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

SOUSA, Antonio Ismael Lopes de ¹
CARVALHO, Ana Cristina Teixeira de
Brito ²
AGUIAR, Mahalla Stephany Feitosa ³

Resumo: O presente trabalho pretende mostrar a influência benéfica da música nas mais diversas atividades humanas, e, mais especificamente, nas de educação. Quando somada à cognição, pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem e na aquisição de habilidades linguísticas, como leitura, audição, fala e escrita. Esta análise teve embasamento em teóricos como Aguiar (1993), Alves (2008), Brown (2007), Claret (2008), Ferreira (2008), Lima (2009), Loureiro (2003), Murphey (1992), Sekeff (2007) e outros que apresentam os benefícios múltiplos da música, dentre os quais o de figurar como uma possibilidade de adicionar experiências mais ricas e prazerosas ao ensino e ao aprendizado de um segundo idioma.

Palavras-chave: música; influência; ensino-aprendizagem; língua inglesa.

ABOUT MUSIC: ITS INFLUENCES AND POSSIBILITIES IN ENGLISH LANGUAGE CLASSES

Abstract: This paper aims to show the beneficial influence of music in the most diverse human activities, and more specifically in those of education. When added to cognition, it can contribute to the teaching and learning process and the acquisition of language skills such as reading, listening, speaking, and writing. The analysis was based on theorists such as Aguiar (1993), Alves (2008), Brown (2007), Claret (2008), Ferreira (2008), Lima (2009), Loureiro (2003), Murphey (1992), Sekeff (2007) and others that present the multiple benefits of music, among which is that it appears as a possibility to add rich and pleasurable experiences to the teaching and learning of a second language.

Keywords: music; influence; teaching-learning; english language.

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-UEMASUL, Especialista em Gestão Pública pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA e Graduado em Letras Universidade Estadual do Maranhão - UEMA.

² Doutora em Letras - Literatura Comparada pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal do Piauí - UFPI e Graduada em Letras - Literaturas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro- UERJ. É Professora Adjunta III da Universidade Estadual do Maranhão, atuando no Centro de Estudos Superiores de Balsas (CESBA).

³ Possui graduação em Letras-Português pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA. Atualmente é Coordenadora de Linguagens - Secretaria Municipal de Educação de Imperatriz (MA) e Mestranda em Letras pela UEMASUL.

INTRODUÇÃO

O ensino-aprendizagem de Língua Inglesa (LI), especialmente nas escolas públicas brasileiras, é um desafio que se justifica não apenas pela possibilidade de ampliação cultural, mas por estar-se diante de uma desenfreada globalização cujo contexto ressalta as vantagens da aprendizagem de uma língua estrangeira (LE). Vale lembrar que, no Brasil, a LI destaca-se atualmente como a principal LE.

Nesse contexto do ensino e aprendizagem de uma LE, é natural que, além do estranhamento e da resistência por parte dos iniciantes, a dificuldade em aprender e/ou desenvolver as quatro habilidades – ouvir, falar, ler e escrever – em LE seja uma tarefa ainda mais árdua. A realidade da educação pública brasileira, especialmente nas regiões menos desenvolvidas economicamente, mostra que até mesmo a aquisição de algumas habilidades, como ler e escrever, é sobremaneira difícil até na própria língua materna (a Língua Portuguesa). Esse fenômeno acontece, dentre outros fatores, em decorrência de problemas sociais que dificultam o acesso das classes mais oprimidas à escola de qualidade, local em que normalmente a prática de letramentos ocorre de modo mais fluido.

É nesse cenário que a introdução de práticas motivadoras, criativas, inovadoras, que reduzam as distâncias entre escassez de recursos e aulas prazerosas, resistência ao novo/estranho e reconhecimento de sua relevância na prática, ideais de aprendizagem e materialização, despontam ainda com mais intensidade.

Com base em teóricos como Aguiar (1993), Alves (2008), Brown (2007), Claret (2008), Ferreira (2008), Lima (2009), Loureiro (2003), Murphey (1992), Sekeff (2007), dentre outros, sugere-se a utilização da música como recurso alternativo e auxiliador nas aulas de LI, uma vez que seu caráter de propiciadora de prazer, bem-estar, emo-

ção e socialização pode contribuir para o interesse dos alunos nas aulas de Inglês e produzir efeitos positivos no ensino-aprendizagem deste idioma. Inserida na seara do ensino de Língua Inglesa, esta pesquisa tem por objetivo geral defender a música não somente como fruição artística, mas, transcendentalmente, como possibilidade de um aprendizado mais prazeroso.

Isto posto, apresenta-se, inicialmente, alguns dos entraves pelos quais perpassa o ensino de Língua Inglesa no Brasil; em seguida, trata-se das influências da música na potencialização do aprendizado dessa segunda língua; depois explora-se algumas influências desse recurso no âmbito social; logo após aponta-se algumas sugestões de músicas e atividades envolvendo esta ferramenta; e, por fim, as reflexões finais seguidas das referências bibliográficas consultadas.

1. DESAFIOS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL: breves considerações.

As dificuldades encontradas pelas escolas públicas brasileiras em relação ao ensino de LI vão da escassez de recursos didático-pedagógicos à má formação dos educadores de LE. A grade horária de LE em vigor torna mais difícil a possibilidade de os alunos desenvolverem, com maior aproveitamento, todas as habilidades, sendo este um dos grandes problemas no ensino-aprendizagem de LI no Brasil, e “a realidade nua e crua da escola pública” (SCHMITZ, 2009, p. 16). Além disso, um alto número de alunos na sala de aula, alunos com níveis distintos de competência em uma mesma sala, despreparo dos docentes, políticas educacionais que impõem barreiras sociais (produzindo pouco ou nenhum resultado para a classe social mais pobre), a desvalorização dos professores e a ausência de políticas de incentivo ao aprendizado de LE,

são apontadas como as prováveis razões para as dificuldades de aprendizagem em LE (GIMENEZ, 2009, p. 108; OLIVEIRA, 2009, p. 22).

A forma negativa que permeia a aprendizagem de língua inglesa em sala de aula representa a situação de desconforto vivida, principalmente, pelas escolas públicas em relação ao ensino-aprendizagem de LI (SCHEYERL, 2009, p. 126). Corroborando essa ideia, Perin (2003) explica que

apesar de reconhecerem a importância de se saber inglês, os alunos tratam o ensino de língua inglesa na escola pública ora com desprezo, ora com indiferença, o que causa na maioria das vezes a indisciplina nas salas de aula [...]. O professor trabalha com a sensação de que o aluno não crê no que aprende, demonstrando [...] menosprezo pelo que o professor se propõe a fazer durante a aula (p. 115).

Nessas circunstâncias, à tarefa docente impõe-se mais o desafio de inovar e integrar recursos não necessariamente materiais, como no caso do “sonho”, que deve permear a educação, de que fala Alves (2008):

Muitos pensam que o problema da educação é a falta de recursos. É verdade que há falta de recursos. É mentira que se eles vierem a existir a educação vai ficar inteligente. Cozinha que faz a comida ruim não se transforma em cozinha que faz a comida boa pela compra de panelas importadas. Culinária se faz com sonho. Educação se faz com sonho (p. 67).

Nesse caso, deve a educação ser entendida como um processo global, ocorrido dentro e fora da escola, que deve ter relação com o cotidiano de cada aluno e explorar os estímulos que podem contribuir para a aquisição de habilidades comunicativas – seja com apoio da música, das brincadeiras, dos cantos ou quaisquer outras formas de motivação. Sobre esses estímulos, Brown (2007, p. 87) ensina que é algo que pode, assim como a autoestima, ser global, situacional ou centrado na tarefa, e que

aprender uma língua estrangeira requer algo de cada um dos três níveis de motivação. Por exemplo, um aluno pode dispor de alta motivação “global”, mas pode ter baixa motivação para uma tarefa de, digamos, ter um bom desempenho na forma escrita da língua (p. 87, tradução nossa).

No caso, a competência para o aprendizado deve contemplar simultaneamente vários níveis de motivação para que o aluno possa lograr proveito dela. Diante da realidade educacional brasileira, especialmente no que se refere ao ensino de LE, urge a necessidade de que o papel do educador se estenda para além da transmissão do conteúdo em sala de aula.

2. A MÚSICA E SUAS POSSIBILIDADES NO ENSINO E APRENDIZADO DE LÍNGUA INGLESA.

Ainda que de forma indireta, a música tem ou teve um papel importante em vários períodos da vida humana. Mesmo em épocas remotas, essa arte serviu às mais diversas finalidades. Um relato, extraído do Antigo Testamento da Bíblia Sagrada (2005), mostra a função de adoração a Deus que esta ferramenta tinha à época:

Davi nomeou alguns levitas para dirigirem a adoração ao SENHOR, o Deus de Israel, cantando e louvando a Deus, em frente da arca da aliança. [...] Para tocarem lira, foram nomeados: Jeiel, Semiramote, Matitias, Eliabe, Benaiás e Obede-Edom. Para tocar pratos, foi nomeado Asafe, e, para tocarem trombeta todos os dias em frente da arca da aliança, foram nomeados os sacerdotes Benaiás e Jaziel. Foi nesse dia que Davi deu pela primeira vez a Asafe e aos seus colegas levitas a responsabilidade de cantarem louvores a Deus, o SENHOR (1 CRÔNICAS, 16:4-7).

Nossa vida está entremeada de música. Fala-se sobre ela, alegra-se e intensifica-se uma tristeza ou uma alegria por

¹ Tradução nossa para: “something that can, like self-esteem, be global, situational, or task oriented”.

² “Learning a foreign language requires some of all three levels of motivation. For example, a learner may possess high ‘global’ motivation but low ‘task’ motivation to perform well in, say, the written mode of the language”.

causa dela, ora-se ou reza-se sendo guiado por ela. A vida humana parece ter uma trilha sonora para cada momento: nas tristezas, músicas que tendem a intensificar a dor; nas alegrias, músicas que remetem à felicidade; nas tensões, músicas para relaxar; nas indignações, música para protestar; nas derrotas, música para reanimar. É difícil até imaginar cerimônias, festas, solenidades, filmes, diversões, comemorações funerárias, cultos, ou até mesmo atos simplórios, como limpar a casa, lavar louças e roupas ou tomar banho, sem música.

Por isso, a introdução de música no contexto escolar pode potencializar a vontade de aprender e tornar a aprendizagem de LE mais agradável. A experiência musical que se deseja na educação se refere não somente à execução de trabalhos reconhecidamente extraordinários, notadamente bem caprichados, mas a todos os que estimulem as pessoas a afastar conceitos preestabelecidos, incitando-as rumo ao progresso e à estabilidade de seus vínculos afetivos, intelectuais, coletivos, concorrendo, então, à qualidade de ser racional (SEKEFF, 2007, p. 128).

Diante da complexidade da educação e sobre a possibilidade da aquisição de um segundo idioma, Murphey (1992, p. 8) explica que a música, ferramenta que envolve aspectos que vão desde a comunicação até o sentimento, oferece duas grandes vantagens: (1) Música é altamente memorável. (2) e altamente motivadora. Além de emocionar, descontrair, entreter e motivar, a música figura como um poderoso recurso auxiliador na aprendizagem de LE (e outras disciplinas), seja fonológica, lexical ou sintaticamente.

São muitos os recursos da música e, ao longo dos tempos, eles vêm integrando a vida humana, seja em um contexto de alegria, tristeza, celebração, amor, lembrança, dança, trabalho ou na educação. Na atualidade, admite-se que essa experiência musical produz diversos efeitos, entre eles ame-

nizar angústias (SEKEFF, 2007, p. 137).

Dentre as experiências transcendentais que a música proporciona, algumas servem para provocar o emocional humano, de modo que

a música acaba por exercer um poder que excede limites imaginados, e o educando nesse processo estará fadado a se revelar, mesmo que seja um iniciado e a despeito de a aprendizagem musical "igualar" a experiência emocional da arte, em função da chamada emoção estática (FREUD apud SEKEFF, 2007, p. 137).

Ao ouvir uma música o indivíduo é guiado por múltiplos estímulos sensoriais. É como se ele estivesse experienciando aquilo que diz a música, numa relação íntima entre a obra (a música) e o seu apreciador (o ouvinte). Nesse relacionamento, um conduz o outro no campo da imaginação (e vice-versa) para alguma direção, seja na direção do gozo estético, seja para outra ação.

Sekeff (2007, p. 14) ensina que a música não é somente um recurso de combinação e exploração de ruídos, sons e silêncios, em busca do "gozo estético", uma vez que

é também um recurso de expressão (de sentimentos, ideias, valores, cultura, ideologia), um recurso de comunicação (do indivíduo consigo mesmo e com o meio que o circunda), de gratificação (psíquica, emocional, artística), de mobilização (física, motora, afetiva, intelectual) e autorrealização (o indivíduo com aptidões artístico-musicais mais cedo ou mais tarde direciona-se nesse sentido, seja criando – compondo, improvisando –, recriando – interpretando, tocando, cantando, "construindo" uma nova parição –, ou simplesmente apreciando – vivenciando o prazer da escuta).

Acrescenta-se a isso o fato de que a música também é poesia e vice-versa. Mesmo com o passar dos tempos, se "a separação de poetas e músicos dividiu a história de um gênero e outro, a poesia não abandonou de vez a música tanto quanto a música não abandonou de vez a poesia" (AGUIAR, 1993, p. 10). Assim, muito mais do que uma

³ Datado de aproximadamente entre 1.500 a. C. a 450 a. C.

⁴ Tradução nossa para: "(1) Music is highly memorable. (2) It is highly motivating".

combinação de sons, a música passa a ser uma espécie de “poesia cantada” ou o oposto. Considerando-se os recursos individuais de uma poesia literária adicionados aos recursos musicais, pode-se presumir que a música possui, aproximadamente, recursos estéticos, poéticos e literários como um poema, mas com um recurso a mais: a sonoridade.

Ainda nesse sentido e classificando a canção como um “gênero híbrido, de caráter intersemiótico”, Costa (2001, p. 107) explica que esse fenômeno ocorre pelo fato de que a canção é o resultado da junção de dois tipos de linguagens: verbal e musical (ritmo e melodia). Por isso, a canção requer três competências distintas – verbal, musical e lítero-musical – sendo a última responsável pela articulação das outras duas competências, fazendo com a que a música exerça uma importante função linguística, mesmo não sendo exclusivamente verbal.

Reconhecendo que relações entre literatura, belas artes e música são muito diversificadas e com alto grau de complexidade, Wellek e Warren (1971, p. 158-159) questionavam “se a poesia pode produzir os efeitos da música”, apesar de haver muita convergência no sentido afirmativo. Na contemporaneidade, nas relações entre dialogia e hipertextualidade, estudos como o de Coelho e Alexandria (2010, p. 130) trazem o conceito de o “leitor musical”, afirmando que este “seleciona a apreensão dos ritmos propostos, interagindo com seus conhecimentos pré-adquiridos sobre harmonia e melodia, e faz seus recortes devidos, na medida em que tem já suas opções musicais estabelecidas”.

Esse diversificado repertório de recursos da música contribui para que esta ferramenta encontre aproximação, também, com as tarefas de ensino. No caso em questão, essa associação diz respeito à aquisição de habilidades linguísticas em um segundo idioma, tarefa na qual a escrita, pronúncia, leitura e escuta merecem destaque com o

uso da música. Nesse contexto, essa prerrogativa encontra respaldo na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que prevê, no Parágrafo VI do Artigo 26, que a música “deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo” do currículo de Artes na Educação Básica do Brasil. Essa noção ressalta a importância da presença do recurso musical, que deve ocorrer de modo coordenado, não arbitrário, inclusive com lições quanto à sua historicidade e aos elementos que compõem e dão forma à linguagem desta arte.

No processo de ensino-aprendizagem a música contempla valor e significado, e aplicá-la como método interdisciplinar “é acreditar que a escola possa aumentar a alegria dos alunos e dos que com ele convivem” (LOUREIRO, 2003, p. 12). Já em termos psicopedagógicos, ela atua sobre a capacidade de atenção do educando, estimulando-o “a níveis insuspeitados”, de modo que é razoável que algumas músicas prolonguem a função psicomotora dos alunos “muito além do que o fazem determinadas drogas” (SEKEFF, 2007, p. 82). É a riqueza e a complexidade da música que aumentam sua possibilidade de assomar-se à escola como mais uma ferramenta propiciadora de alegria, vontade, emoção, bem-estar e aprendizagem prazerosa de seus alunos.

É no intuito de ratificar a música na sala de aula, que Murphey (1992) afirma que essa está em todas as partes do mundo – nas salas de cirurgia, restaurantes e cafés, shoppings center, eventos esportivos, nos carros e, literalmente, em todos os walkmans. Segundo ele, parece até que o único lugar onde a música e canção são menos frequentes é nas escolas! . E se “a vida é som” (CLARET, 2008, p. 9), há uma relação intrínseca entre o homem e a música, na qual o seu valor universal abrange, também, recursos cognitivos que acrescentam incentivos ao ensino e à aprendizagem.

⁵ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 2001).

⁶ Tradução nossa para: “It would seem that the only place music and song is slow to catch on is in schools!”.

3. DA MÚSICA: algumas influências no âmbito social.

Como “não existe música inocente” (SEKEFF, 2007, p. 85), é possível presumir que sua influência se estende aos mais diversos campos (linguístico, cultural, social, entre outros). O fato de a música falar ao coração, emocionar, estimular, alegrar, sensibilizar, pode torná-la um instrumento facilitador da conscientização política e social. Nessa direção, Claret, 2008, p. 110) considera que a “música é conclusiva... porque o significado social só pode surgir e continuar a existir através da comunicação simbólica que se origina na consciência – comunicação que a música faz parte”.

Dessa maneira, posto que é uma arte que vai também formar e informar, pode levar a reflexões profundas e transformadoras, uma vez que desempenha uma considerável influência na vida de cada pessoa e da sociedade, à medida que igualmente “afasta o educando da mesmice, propõe o novo, altera a ordem e a desordem, exorciza o pensamento rotineiro e redimensiona a percepção de mundo” (SEKEFF, 2007, p. 170). Como uma espécie de diretriz, a música ajuda na condução da formação de opiniões/pensamentos: se o tema for preconceito racial, pode induzir a uma postura mais ou menos crítica sobre o fato; se fala de miséria, pode estabelecer uma ligação ou chamar a atenção para a existência desta realidade; se aborda a violência, pode despertar para ações no sentido do combate a esta prática e, assim, sucessivamente.

Dentre os mais variados efeitos da música, merece destaque também o fato de ela ser detentora de recursos que facilitam o desenvolvimento de habilidades linguísticas e seu caráter motivador, notadamente pelo discurso que se aproxima à vida prática dos alunos ou que desperta o sentimento de prazer propiciado por essa arte. Ao ouvir uma música em LI, por exemplo, o aluno tende a sentir-se motivado a assimilar o conteúdo

da música, aumentando o seu repertório de habilidades linguísticas, como a escuta e a fala.

Há, inclusive, uma hipótese de que a música antecedeu o desenvolvimento da fala no Homo Sapiens. Atualmente, com o acesso universal a essa arte, ela ainda figura como um possível instrumento facilitador da linguagem (LIVINGSTONE apud GOBBI, 2001, p. 34); isso porque a música utiliza-se de formas linguísticas para se concretizar, como a leitura/fala entoada e a escrita.

Por isso, as

músicas podem ser imensamente valiosas para o desenvolvimento de certas competências, mas elas podem, muitas vezes, tornarem-se mais valiosas se a explorarmos criativamente para reduzir a diferença entre a experiência prazerosa do ouvir/cantar e o uso comunicativo da língua (MURPHEY, 1992, p. 6, tradução nossa).

O fato de a música ter um papel importante no processo de aquisição de uma LE ocorre porque proporciona diferentes experiências aos alunos. Ao ouvir música (mesmo em uma língua que não a materna) os alunos tendem a sensibilizar-se e se emocionar, aumentando as chances de experiências e impressões ficarem retidas no cérebro juntamente com uma gama de informações linguísticas, como pronúncia, léxico, registro, cultura e estrutura das palavras, das frases e do texto. Trata-se de uma espécie de associação da letra da música, com imagens, cores, enfim. A partir da associação entre a melodia, a(s) voz(es) e o que diz a letra da música, uma impressão mental é criada, quer essa música seja objeto de análise em sala de aula ou não (SEKEFF, 2007; FERREIRA, 2008; MURPHEY, 1992). Os professores que lançam mão desse recurso podem ter um repertório a mais em benefício do aprendizado de uma LE, uma vez que a aprendizagem que ocorre por meio de emoção e/ou sensibilização tende a ser significativa e duradoura. Conforme lem-

⁷ [...] songs can be immensely valuable for developing certain capacities, but they can be many times more valuable if we exploit them creatively to bridge the gap between the pleasurable experience of listening/singing and the communicative use of language.

⁸ Tradução nossa para: “to sing with vocalizations is significantly easier than speech. But what is even more amazing is that it also seems easier to sing language than to speak it.”

bra Ferreira (2008), em muitos casos é mais efetivo perpetuar um pensamento “transmitindo-o verbalmente pelo canto que pela escrita no papel, no papiro, no pergaminho ou na pedra”.

Outro fator importante recai sobre a necessidade de que os alunos sejam estimulados a reconhecer a interação entre texto e melodia e investigar os meios técnicos trazidos pela canção, bem como o seu processo de produção. Além de obter conhecimento amplo sobre a música, os alunos reconhecem as linguagens, fazem associações e interagem com os recursos responsáveis pela sua materialização. Esse processo envolve habilidades artísticas, culturais, históricas e linguísticas, lançando luz e ampliando as noções dos alunos sobre o amplo processo que a arte musical contempla (COSTA, 2001, p. 120-121).

Outra consideração importante é colocada por Murphey (1992) quanto ao fato de que cantar é significativamente mais fácil do que falar. O autor acrescenta, ainda, que o que é mesmo mais impressionante é que, além disso, parece muito mais fácil cantar em outro idioma do que falá-lo. Essas características reforçam o quão valiosos são os recursos musicais no desenvolvimento de habilidades linguísticas, seja na língua materna ou na aquisição de um segundo idioma.

Ainda de acordo com Murphey (1992, p. 7), a utilização da música e da canção na sala de aula pode estimular muitas associações positivas ao estudo de um idioma, que, de outra forma, poderia ser encarado apenas como uma tarefa trabalhosa, que envolve avaliações, frustrações e correções. Aqui, a música configura-se como um recurso capaz de reduzir as chances de que o aprendizado de uma LE se dê de forma

maçante e, por consequência, menos proveitoso. Nesse mesmo sentido, Murphey (1992, p. 8) segue sua defesa citando algumas razões que justificam o papel da música como uma importante estratégia no ensino de línguas: 1º – A música parece também preceder e auxiliar o desenvolvimento da linguagem em crianças; 2º – As músicas, em geral, usam linguagem simples, conversacional e com muita repetição; 3º – O lado prático das músicas para os professores de línguas é que existem canções que são textos curtos e autônomos, gravações e filmes que podem, facilmente, ser trabalhados em sala de aula. É uma fonte inesgotável.

Por outro lado, embora a música agrade à maioria das pessoas, e que, aparentemente, só traga benefícios e pareça inofensiva, ela pode, também, dificultar o trabalho docente em sala de aula; isso porque os benefícios da música dependem de uma boa estratégia para a aprendizagem, e o desconhecimento ou o seu uso de maneira inadequada pode gerar muitos problemas.

Sobre esses desafios, Murphey (1992, p. 8-9) destaca que, em muitos casos, os administradores, professores e alunos não levam a música a sério. Como a música tende a não ser incluída na listagem tradicional de conteúdo, ela também pode ser vista como perda de tempo.

Outro obstáculo revela-se a partir da constatação de que toda música é dotada de boas ou más intenções (SEKEFF, 2007, p. 175). O uso inadequado desta ferramenta na sala de aula, portanto, pode gerar grandes transtornos, como ferir princípios éticos e morais que norteiam um determinado grupo/sociedade. Assim, é fundamental que o docente faça previamente uma leitura crítica da música antes de apresentá-la em sala de aula. Adicionalmente, deve ser considerada,

⁹Tradução nossa para: “the use of music and song in the classroom can stimulate very positive associations to the study of a language, which otherwise may only be seen as a laborious task, entailing exams, frustration, and corrections.”

¹⁰Tradução nossa para: “Song also appears to precede and aid the development of language in young children.”

¹¹Tradução nossa para: “Songs in general also use simple, conversational language, with a lot of repetition.”

¹²Tradução nossa para: “In practical terms, for language teachers, songs are short, self-contained texts, recordings, and films that are easy to handle in a lesson. And the supply is inexhaustible!”

¹³Especificamente sobre os aspectos relacionados à música e faixa etária, Baleiro (2014, p. 163) lembra que a indústria cultural “reflexo e refletor da sociedade, adoleceu”. O autor cita o fato de que atualmente o cenário da música pop internacional revelou grande diversidade de astros teens (como exemplo: Justin Bieber, Miley Cyrus, Demi Lovato, Bruno Mars, Selena Gomez, Ariana Grande, Colbie Caillat, Avril Lavigne). Ele pontua, que no

ainda, a adequação à faixa etária dos alunos.

Essa situação contribui para que, mesmo diante de uma preocupação maior com a aprendizagem por meio da música, alguns professores hesitem em ensinar com o auxílio dela. As razões seriam desde a preocupação com a efetividade pedagógica das músicas, em oposição aos materiais convencionais e o receio dos professores com relação às próprias habilidades em usar música na sala de aula, até a falta de habilidade musical, ausência de conhecimento ou técnicas de ensino (KANEL apud GOBBI, 2001, p. 76). Entre outras preocupações com o uso da música, está o fato de que: Ela (a música) perturba as salas vizinhas; Músicas pops têm vocabulário pobre – muita gíria e péssima gramática; Os alunos querem apenas ouvir, não querem trabalhar; Há falta de equipamento adequado para fazer uso da música (MURPHEY, 1992, p. 9).

Nesse contexto, cabe aos professores a verificação da adequação dos conteúdos e melhorar as estratégias nas aplicações das atividades. Há músicas que preenchem os mais diversos requisitos, como faixa etária, grau de escolaridade, princípios éticos e morais, entre outros.

Dada a necessidade de adequação contextual do uso da música, seja em relação à faixa etária ou quaisquer outros aspectos, e com vistas ao melhor aproveitamento deste recurso em sala de aula, Gobbi (2001, p. 78) cita Kanel (1996) para sugerir ações que podem ser exploradas e auxiliar na aquisição de habilidades em LE por intermédio da música, em atividades que envolvam, dentre outras, as seguintes habilidades: compreensão auditiva discriminatória que abrange a distinção de sons, formas reduzidas de palavras, inferências a partir do contexto, etc.; compreensão auditiva realizada por meio de questões de compreen-

são; vocabulário, com ênfase em exercícios de substituição de palavras, associação de sinônimos e antônimos, tradução, etc.; gramática, com atividades de substituição gramatical, observação de formas gramaticais informais, etc.; pronúncia e fonologia que usam a repetição na música; escrita, quando o aprendiz troca os elementos da letra da música (verbos, adjetivos, etc.) e escreve resumos e artigos sobre música, etc.; tópicos culturais e sociais, por exemplo, problemas da sociedade, acontecimentos e costumes; a literatura (considerando que muitos cantores são poetas e vice-versa) pode ser trabalhada pelo estudo da rima, metáfora, aliteração e leitura poética da letra. A autora cita, também, Miragaya (1992), para afirmar que a música é um grande meio de contribuição na aprendizagem de idiomas e que “uma canção pode ser usada em todas as áreas: fonológica, morfológica, sintática, semântica, pragmática, etc. (GOBBI, 2001, p. 78)”.

Murphey (1992) ensina que todas as atividades que podem ser realizadas com textos, gravações ou filmes, podem ser feitas, igualmente, com músicas ou textos sobre música. O autor acredita que com o emprego da música na sala de aula pode-se explorar, no ensino de línguas, várias habilidades ao mesmo tempo e que, além das atividades musicais embasadas no uso de atividades de leitura, expressão oral, escrita e compreensão escrita, também podem ser trabalhadas atividades mais voltadas à música em si, enquanto expressão de sentimento.

Hoje sabemos a relação íntima que a música tem, por exemplo, com disciplinas como a arte (em geral), a língua (portuguesa, inglesa, italiana, latina, etc.), a história, a matemática, a física, a biologia, a psicologia, a sociologia, a religião, etc., mas isso não a limita, pois ela mantém sempre alguma afinidade com outras tantas, mesmo que

Brasil, até meados do século 20, a música “era coisa de adulto”, mas surgiu um novo repertório direcionado a jovens, adolescentes e crianças. Isso, de um lado, ampliou as possibilidades de uso desse recurso em sala de aula, de modo a alcançar mais adequadamente o público dessa faixa etária.

14 Tradução nossa para: “It disturbs neighbouring classes.”

15 Tradução nossa para: “Pop songs have poor vocabulary – too much slang and bad grammar.”

16 Tradução nossa para: “Students just want to listen, not work.”

17 Tradução nossa para: “Lack of technical equipment due to cost.”

não estejam diretamente ligadas ao campo da sonoridade (FERREIRA, 2008, p. 25).

A música possui poderosos recursos e sua aplicabilidade, de modo autônomo, pode ocorrer nas mais diversas áreas, sendo possível, dada a universalidade desses recursos, falar das quatro habilidades linguísticas aliadas a fatores como alegria e prazer. Do mesmo modo, à medida que são trabalhadas atividades específicas com o apoio da música, outras relações (sociais, políticas, históricas, etc.) também são contempladas no rol de possibilidades das tarefas que a envolvem.

4. ALGUMAS SUGESTÕES DE ATIVIDADES ENVOLVENDO MÚSICA NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA.

Com o objetivo de desenvolver habilidades na disciplina de LI, bem como tornar o ambiente escolar mais agradável, mobilizar os alunos para questões sociais, culturais, linguísticas, políticas, entre outras, e aproveitar as riquezas existentes nas letras de muitas canções, sugere-se algumas músicas para aplicação em sala de aula, separadas em áreas temáticas.

O uso da música associado a uma disciplina pode levar a duas consequências quando a disciplina em tese não estiver diretamente relacionada com essa arte: uma tempestiva e outra não, uma vez que o recurso musical atua de modo quase exclusivo com a sonoridade (FERREIRA, 2008, p. 13). Dessa forma, o autor sugere que uma das grandes vantagens do uso da música na sala de aula é o fato de que ela aponta “para um segundo caminho comunicativo que não o verbal” e que “desperta nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo”, mas que, em contraposição, a principal desvantagem dela, nesse contexto, é “o fato de ela se caracterizar como outra lin-

guagem e, dessa forma, apresentar inúmeras barreiras ao profissional que intencione dela fazer uso, mas que não a domine (ou pensa que não a domina)”.

Sendo a música “um tipo de comunicação dos mais ricos e universais e também dos mais complexos e intrincados” (FERREIRA (2008, p. 13), deve o professor aprofundar seus conhecimentos sobre essa arte de modo que seu uso em sala de aula seja efetivo e coerente com a atividade pretendida. É importante ressaltar, também, que a “a música não só fornece condições para compreensão e expressão de um fluxo de ideias e emoções como permite que os educandos operem semióticas que resultem em sentido para suas vidas” (SEKEFF, 2007, p. 128).

Assim, as atividades envolvendo música devem ser precedidas de um estudo que contemple os vários aspectos desta arte para melhor aproveitamento. A princípio, sugere-se que em cada tema a ser trabalhado com o auxílio da música o professor siga, pelo menos, dois caminhos: (1) escolha a música e decida como melhor trabalhá-la; e (2) a partir de uma ideia/ideologia, selecione a música adequada.

Mais especificamente sobre o ensino de Língua Inglesa, dentre as mais variadas maneiras de trabalhar música na sala de aula, algumas das possibilidades é apresentar músicas tradicionais (americanas, inglesas) como forma de trabalhar a cultura, folclore e a história do país, como: Yankee Doodle – Gen. George P. Morris, Dixie – Daniel Decatur Emmett, The Liberty Song – John Dickinson, Chester – William Billings, American Taxation – Peter St. John, Free Americay – Dr. Joseph Warren, etc; mostrar alguma entrevista do cantor/banda juntamente com a música; oferecer à turma a oportunidade para ouvir duas músicas (ou ver dois clipes) e escolher um para conhecer; utilizar a música original e sua versão em Português (se for o caso) e compará-las; apresentar um videoclipe inicialmente sem áudio, entre outros.

¹⁹ Adaptado da ideia de Murphey (1992).

²⁰ Adaptado da ideia de Murphey (1992).

São muitos os objetivos para essa espécie de atividade, entre eles: levar o aluno a pensar e fazer questionamentos sobre determinada(s) cena(s), prever uma sequência de eventos, determinar, posteriormente, a relação entre as imagens e a letra da música, etc. Uma ideia para tarefas de audição é mostrar a letra de uma música aos alunos entregando a eles apenas uma das palavras responsáveis pela rima, suprimindo a outra, por exemplo: se nos versos de uma música houver duas palavras como “live” e “give” e uma for a responsável pela rima da outra (e vice-versa), suprimir-se-á a segunda palavra para que os alunos se esforcem em entender a palavra pronunciada; ou, o professor escreveria a música em tiras de papel – um

verso em cada tira – e distribuiria aos alunos; ao ouvir a música, os alunos deveriam se movimentar e se posicionar em uma fila, na mesma ordem em que a música ocorre.

Outra sugestão no campo do fazer artístico trata da produção, por exemplo, de um videoclipe – encenado pelos alunos – contando uma história existente em uma música, seja qual for o tema abordado. As várias formas de contar a história poderão ser definidas entre professor e alunos (podendo inclusive ser uma versão, paródia, filme, documentário, dança, teatro). Nesse caso, o próprio fazer artístico adicionaria conhecimento e experiência, permitindo aos alunos um confronto com a complexidade e as nuances da arte musical.

²¹De aspectos como: tema, cultura, faixa etária, princípios éticos e morais, etc.

²²Trata-se de músicas que defendam o meio ambiente ou que contemplem opinião contra o desmatamento, o aquecimento global, a poluição, entre outros fatores que degradam o meio ambiente. Como exemplo: Do the Evolution – Pearl Jam, Earth Song – Michael Jackson, A Beautiful Lie – 30 Seconds to Mars, Beds Are Burning – Midnight Oil, The Earth Dies Screaming – UB 40, What I’ve Done – Linkin Park, Upside Down e The Horizon Has Been Defeated – Jack Johnson, Underneath – Alanis Morissette, A Thousand Trees – Stereophonics, Corner of The Earth – Jamiroquai.

²³Essa temática integra exemplo de músicas que falam ou defendem o amor fraterno, amizade, sentimentos positivos: Love Generation e In The Name Of Love – Bob Sinclair, Friend – Pearl Jam, Wish You Were Here – Pink Floyd, White Flag – Dido, We Are Gonna Be Friends – The White Stripes, Where Is The Love – Black Eyed Peas, I Say a Little Prayer – Aretha Franklin, Diamonds On The Inside – Ben Harper, Little Friend – Nickelback, Love Of The Loved e All You Need Is Love – The Beatles, True Friend – Miley Cyrus, Song For a Friend – Jason Mraz, When You Got a Good Friend – Robert Johnson, Words – Elvis Presley, Father And Son – Cat Stevens, A Song For You – Ray Charles, Change The World – Eric Clapton, Endless Love – Lionel Richie, Dig – Incubus.

²⁴Estão contempladas nessa área músicas que exploram os contextos político e/ou social, podendo contribuir para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes de seu papel em sociedade. Sugere-se, também, músicas que fazem crítica ao consumismo, ao excessivo poder da mídia, etc. Propõe-se as seguintes músicas: House of The Rising Sun, I Pity the Poor Immigrant, Political World, e Lenny Bruce – Bob Dylan, Know Your Enemy, Jesus Of Suburbia – Green Day, It’s a New Day – Will. I. Am, Just Looking – Stereophonics, Good People – Jack Johnson, Moviestar – Stereophonics, Woman’s Work, Talkin’ Bout a Revolution e Material World – Tracy Chapman, Television Rules The Nation – Daft Punk, (I Never Wanted) To Be a Star – Cat Stevens, People Are Strange – The Doors, Dear Mr. President – Pink, Price Tag – Jessie J.

²⁵Sugere-se músicas que combatam a prática de preconceito racial, de forma a conscientizar os alunos sobre diversidade racial, por exemplo: Hurricane – Bob Dylan, Black Man – Olodum, Born To Fight – Tracy Chapman, Emergency On Planet Earth – Jamiroquai, Formation – Beyoncé, All about that bass – Meghan Trainor.

²⁶Há um rol de músicas que abordam a autoestima, normalmente alegres, otimistas, que podem estimular nos alunos sentimentos e atitudes positivas e de superação ante as possíveis dificuldades que abalam o emocional. Alguns exemplos: Three Little Birds, Don’t Worry Be Happy e No Woman No Cry – Bob Marley, What a Wonderful World – Louis Armstrong, I Can See Clearly Now – Jimmy Cliff, I Believe I Can Fly – R. Kelly, Little Wonders – Rob Thomas, You Live, You Learn, That I Would Be Good – Alanis Morissette, Smile – Michael Jackson, With My Own Two Hands – Jack Johnson, Right To Be Wrong – Joss Stone, Blue Skies – Caetano Veloso, Happy – Pharrell Williams.

²⁷Aconselha-se para essa área temática obras que critiquem a violência e a guerra, com o intuito de incentivar os alunos a optar por uma relação mais pacífica entre as pessoas. Como exemplo: What I’ve Done – Linkin Park, Superman – Stereophonics, Man In The Mirror – Michael Jackson, Behind The Wall – Tracy Chapman, Revolution – The Beatles, Bad Boys – Bob Marley, Angels Will Cry – Kotipelto, Dogs Of War – Pink Floyd, 40 – U2, A Little More Blue – Caetano Veloso.

Por fim, outras sugestões importantes com o uso de músicas (com aplicabilidade possível em sala de aula) refere-se à área temática de suas abordagens. Assim, após a verificação prévia de adequabilidade²¹, pelo professor, da íntegra da música, um determinado tema pode ser objeto de debate ao mesmo tempo em que ocorre o desenvolvimento de uma atividade cuja ênfase também recai na aquisição de uma segunda língua (LI, nesse caso). Dentre esses temas de músicas estão as que: abordam a conscientização ambiental²²; tratam do amor entre as pessoas²³; sobre conscientização política e social²⁴ e preconceito racial²⁵; autoestima²⁶; violência e guerra²⁷; paz²⁸; globalização²⁹; humildade ou conhecimento³⁰, dentre outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Algumas situações colocam a música em posição de destaque: a maioria das pessoas gostam dela; ela está presente em quase todos os períodos de nossas vidas; e é uma ferramenta com benefícios incalculáveis, inclusive com aplicabilidade significativa na sala de aula.

Diante do fato de que o ensino-aprendizagem de LI no Brasil ainda não alcançou metas satisfatórias e que essa tarefa é cada vez mais árdua, percebe-se que, além da real dificuldade de aprendizagem de uma LE, há também a carência de estratégias que driblem os problemas resultantes da escassez de recursos financeiros e confira ao ensino alternativas que amenizem esses desafios e favoreçam o ensino e a aprendizagem. Essas

iniciativas atravessariam os problemas corriqueiros (carga horária reduzida, falta de recursos, falta de material didático adequado, professores despreparados, entre outros) e encontrariam respaldo no uso de recursos motivadores – como no caso da música – capazes de estimular os alunos em direção ao aprendizado de um segundo idioma. Nesse cenário, quando a educação e a música se encontram, uma abastece a outra de possibilidades em que os ganhos são mútuos. De um lado, quando adota atividades envolvendo música, a escola oportuniza aos alunos um recurso que transcende o mero entretenimento, acrescentando novas experiências e aumentando as chances de motivação para o aprendizado; por outro, quando a execução musical é acompanhada de informações sobre fatores históricos e dos elementos que compõem a sua estética, além da possibilidade de maior fruição artística e aprimoramento do senso crítico, reafirma o valor da arte musical e amplia suas possibilidades quando aliada às atividades e cognição.

²⁸ Um dos temas mais relevantes para a sociedade também pode ser trabalhado com o auxílio da música. Sugere-se obras que mostram aos alunos a trajetória da e para as relações de paz. Dentre as diversas músicas com essa temática, indica-se: *Imagine* e *Give Peace a Chance* – John Lennon, *We Are The World, What More Can I Give* – Michael Jackson, *With My Own Two Hands* – Jack Johnson, *I Have Peace* – Strike, Peace & Love, Inc. – Information Society, *Peace Train* – Cat Stevens, *London, London* – Caetano Veloso.

²⁹ Diante de uma globalização desenfreada e tecnologia cada vez mais avançada, falar sobre tal assunto pode ser um atrativo a mais para os alunos. Além de uma boa oportunidade de discutir aspectos importantes e polêmicos que permeiam a globalização, a música também pode servir como intermediadora para a difusão deste assunto, ora para criticá-lo ora para apoiá-lo. Nesse sentido, destaca-se as seguintes obras: *Boom Boom Pow* – Black Eyed Peas, *Technologic* e *Television Rules the Nation* – Daft Punk, *The Robots* – Kraftwerk.

³⁰ Para esta área, recomenda-se músicas que ressaltam as vantagens da simplicidade ou do conhecimento. Entre outros exemplos, sugere-se: *Knowledge* – Green Day, *Middle Man* – Jack Johnson, *Dig* – Incubus, *I Believe I Can Fly* – R. Kelly, *Knowledge And Wisdom* – Kotipelto, *Keep The Faith* – Jo Dee Messina, *Learn The Hard Way* – Nickelback, *Learn To Fly* e *Best of you* – Foo Fighters, *Live And Learn* – After Forever, *Eclipse* – Pink Floyd, *Let It Be* – The Beatle

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Joaquim. **A poesia da canção**. São Paulo: Scipione, 1993.
- ALVES, Rubem. **Ensinar, cantar, aprender**. Campinas: Papirus, 2008.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**. São Paulo: Hagnos, 2001.
- BALEIRO, Zeca. **A rede idiota: e outros textos**. São Paulo: Reformatório, 2014.
- BÍBLIA SAGRADA. Português. Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Paulinas, 2005. 1.472 p.
- BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei 9.394 de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; e legislação correlata. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados; Coordenação de Publicações, 2001. 102 p.
- BROWN, H. Douglas. **Teaching by Principles: an interactive approach to language pedagogy**. New York: Pearson Education, 2007.
- CLARET, Martin. **O poder da música**. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- COELHO, Hilda Simone Henriques. **“É possível aprender inglês na escola?”** Crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês em escolas públicas. 2005. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2005.
- COSTA, Nelson Barros. **A produção do discurso literomusical brasileiro**. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.
- COELHO, Robson; ALEXANDRIA, Marília de. Poesia e música(s): dialogia contemporânea em hipersuportes textuais. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 127-141, jan./jul. 2010.
- DIONÍSIO, Angela Paiva (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GIMENEZ, Telma. Ensinar a aprender ou ensinar o que aprendeu? In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.
- GOBBI, Denise. **A música enquanto estratégia de aprendizagem no ensino de língua inglesa**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2001.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, 2010.
- LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.
- LONGMAN. **Dicionário escolar: inglês-português e português-inglês**. Edinburgh Gate: Pearson Education Limited, 2002.
- LOUREIRO, Alcília Maria Almeida. **O ensino da música na escola fundamental**. Campi-

nas: Papyrus, 2003.

MENEZES, Marcílio. **Ensinar, cantar, aprender.** São Paulo: Ágata Tecnologia Digital Ltda: [2007] 1 disco (40 min.): digital áudio. (Parte integrante do livro Ensinar, Cantar, Aprender).

MURPHEY, Tim. **Music and song:** teacher's resource series edited by Alan Maley. Oxford: Oxford University Press, 1992.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública.** In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola, 2009.

PERIN, Jussara Olivo Rosa. Ensino/aprendizagem de inglês em escolas públicas: um estudo etnográfico. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 113-118, 2003.

SANTOS, Thanires Menezes Soares dos; CAVALCANTE, Tamires Barradas; SILVA JUNIOR, João Ferreira. Terapia musical em pacientes com distúrbios da consciência: uma revisão integrativa. **Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 4, out./dez. 2019, Epub. nov. 14, 2019.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música:** seus usos e recursos. São Paulo: Unesp, 2007.

SCHEYERL, Denise. Ensinar língua estrangeira em escolas públicas noturnas. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola, 2009.

SCHMITZ, John Robert. Ensino/aprendizagem das quatro habilidades linguísticas na escola pública: uma meta alcançável? In:

LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola, 2009.

WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da literatura.** Tradução José Palla e Carmo. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.